

Denominações para “nuca” e “tornozelo” a partir dos dados do APFB e do Projeto ALiB*

*Denomination for “nape” and
“ankle” based on APFB data
and ALiB Project*

Gracy Kelly de Santana RODRIGUES (UFBA)
rodriguesgks@gmail.com

Silvana Soares Costa RIBEIRO (UFBA)
silvanar@ufba.br

Recebido em: 30 de jan. de 2019.
Aceito em: 22 de maio de 2019.

*As seções do artigo referentes às denominações para “nuca” foram apresentadas, sob forma de comunicação, no XII Seminário de Pesquisa Estudantil em Letras (SePesq 2018), realizado na Universidade Federal da Bahia (Salvador, Bahia, Brasil), em novembro de 2018.

RODRIGUES, Gracy Kelly de Santana; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. Denominações para “nuca” e “tornozelo” a partir dos dados do APFB e do Projeto ALiB*. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 278-293, maio-ago/2019.

Resumo: Sabe-se que a língua é particular em épocas distintas. No que tange o léxico, algumas formas podem, com o tempo, cair em desuso; novas formas podem surgir; outras podem ter sua frequência de uso aumentada, enquanto que umas, diminuída. Além disso, há a possibilidade de ressignificação dessas formas. Tem-se, dessa maneira, a variação diacrônica: aquela que ocorre através do tempo. Este trabalho objetiva acrescentar conhecimentos aos estudos diacrônicos geolinguísticos. Orienta-se, portanto, pelos pressupostos teóricos e metodológicos da Dialetoлогия e da Geolinguística. Nesta perspectiva, este estudo propõe realizar análise comparativa das respostas para duas perguntas pertencentes ao campo lexical do corpo humano e coincidentes entre o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) e o banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). Essas perguntas foram aplicadas aos colaboradores em dois tempos distintos – entre 1960 e 1961 (APFB) e entre 2001 e 2013 (Projeto ALiB). Serão estudadas e comparadas as nove localidades baianas em comum entre os *corpora*. O objetivo da comparação é verificar as semelhanças e diferenças no que tange a denominação

para os itens “nuca” e “tornozelo”. Para cumprir com esse objetivo, são estudadas, a partir do banco de dados do Projeto ALiB, as respostas para as perguntas 104 – Nuca e 118 – Tornozelo em 36 entrevistas linguísticas. Comparam-se os resultados obtidos com os dados das cartas linguísticas 56 (Nuca) e 63 (Tornozelo) do APFB. Os resultados demonstram a variação diatópica assim como uma diferenciação entre os dados do APFB e do Projeto ALiB.

Palavras-chave: Variação diacrônica. Léxico. Corpo humano.

Abstract: It is known that the language is particular in distinct times. In relation to the lexicon, some forms, in time to time, can fall in disuse; new forms can arise; others may have increased frequency of use, while another diminished. Moreover, there is the possibility of re-signification of these forms. There is, on this way, the diachronic variation: the one which occurs over time. This work aims to add knowledge to the Geolinguistics diachronic studies. It is therefore guided by the theoretical and methodological presuppositions of Dialectology and Geolinguistics. In this perspective, this study proposes to make a comparative analysis of the answers to two questions belonging to the human body lexical field and coincidents between the Atlas of Early “Baianos” Speeches (APFB) and the Linguistic Atlas of Brazil Project database (ALiB Project). These questions were applied to informants in two different times – between 1960 and 1961 (APFB) and between 2001 and 2013 (ALiB Project). There will be studied and compared nine common Bahia locations among the *corpora*. The comparison purpose is to verify the similarities and differences with regards to the denomination for “nape” and “ankle” items. To fulfill this goal, there will be analyzed, based on ALiB Project database, the answers to the questions 104 – “Nuca” and 118 – “Tornozelo” in 36 linguistics interviews. The results obtained are compared with the data from the linguistic maps 56 (Nuca) and 63 (Tornozelo) from APFB. The results demonstrate the diatopic variation as well as a differentiation between APFB and ALiB Project.

Keywords: Diachronic Variation. Lexicon. Human body.

Introdução

Utilizando-se dos preceitos da Sociolinguística – disciplina que guarda interfaces com a Dialectologia por também fazer estudo da variação, no entanto, priorizando a relação deste fenômeno com aspectos sociais –, entende-se variação como fenômeno inerente às línguas humanas que ocorre quando há duas ou mais formas de se dizer a mesma coisa, com o mesmo valor de verdade e no mesmo contexto (TARALLO, 1985).

Concernente à variação lexical, podemos denominar, por exemplo, a região posterior do pescoço de *cabelouro*, *toutiço*, *cangote*, *nuca* etc. Todas essas formas alternantes estão relacionadas ao mesmo referente e são chamadas de variantes. A um conjunto de variantes é dado o nome de variável linguística. Essas variáveis linguísticas subdividem-se em variáveis linguísticas dependentes e independentes. As primeiras referem-se ao fenômeno que será estudado, por exemplo: as denominações para o osso que vai do pescoço até o ombro; e as

segundas condicionam a ocorrência de determinada variante, podendo ser linguísticas ou extralinguísticas. As variáveis independentes linguísticas são os fatores estruturais que favorecem a presença de uma variante, e as variáveis independentes extralinguísticas são aquelas relacionadas a fatores sócio-histórico-culturais. No território da variação lexical, é pertinente que o pesquisador analise os fatores extralinguísticos, visto que interferem diretamente na escolha lexical do falante, seja por conta da localidade de onde ele fala, por conta do momento histórico a que pertence, seja por seu sexo, sua idade, escolaridade, religião etc.

Segundo Isquierdo (2016),

[...] o léxico de uma língua consubstancia os saberes produzidos em uma sociedade no decorrer de sua história, seja os de natureza técnico-científica, seja os construídos pela força da cultura, de tradições e crenças que povoam o imaginário popular de uma sociedade. (ISQUERDO, 2016, p.173).

Com isso, entende-se que o léxico serve aos saberes de uma comunidade. Ou seja, as denominações que damos aos seres, aos objetos e as ideias são motivadas por questões culturais, sociais e históricas. E é isso que faz uma comunidade linguística se diferenciar de outra, pois cada uma delas possui história, tradições e crenças diferentes que mudam com o passar do tempo e que se refletem no léxico.

A mudança é outro fenômeno inerente às línguas e decorre da variação. Há mudança linguística quando determinada variante entra em desuso em uma comunidade, dando lugar a outra. Para Coseriu (1979), a língua se faz a todo tempo, e é esse fazimento que constitui a referida mudança, que tem sua origem na atividade linguística, quando modos linguísticos do falar de um interlocutor passam ao saber de outro. Com isso, o autor considera que a mudança decorre da adoção, ou seja, da aceitação por uma comunidade de uma inovação linguística. Ainda de acordo com Coseriu (1987),

[...] as palavras mudam continuamente; não só do ponto de vista fônico, mas também do ponto de vista semântico, uma palavra nunca é exatamente a mesma; diríamos melhor que uma palavra, considerada em dois momentos sucessivos de sua continuidade de emprego numa comunidade, não é *ni tout à fait une autre, ni tout à fait la même* [nem totalmente uma outra, nem totalmente a mesma] [...] em nenhum momento se pode fixar um sistema estático concreto, porque em cada momento o sistema se quebra para constituir-se e romper-se novamente – essa mudança contínua é, precisamente, o que chamamos a realidade da linguagem. (COSERIU, 1987, p.76).

Pode-se concluir então que, com o tempo, as palavras podem ter sua fonética alterada, ou ser substituídas por outras assim como sofrer ressignificações.

Uma das formas de analisar esse fenômeno de mudança dos vocábulos é recorrendo aos estudos de tempo real, que podem ser de longa duração, quando se comparam *corpus* separados por séculos; ou de curta duração, quando comparadas gerações (ex.: década de 70 e 90). No tempo real de curta duração, os estudos podem ser do tipo painel ou tendência. Se o pesquisador volta depois de pelo menos uma geração para a mesma comunidade com o objetivo de entrevistar os mesmos colaboradores, o estudo é do tipo painel. Ao contrário, se ele procura entrevistar colaboradores diferentes, o estudo é do tipo tendência. Sobre esses dois tipos de estudo, Paiva e Duarte (2003) trazem as seguintes considerações:

Uma limitação inerente ao estudo do tipo painel é que os resultados não são conclusivos no que diz respeito aos mesmos fenômenos na comunidade de fala. Ao regravar sujeitos que já foram entrevistados em um momento anterior, o estudo de painel perde a aleatoriedade, não representando a comunidade de fala como um todo. O estudo tipo tendência, por sua vez, compara amostras aleatórias da mesma comunidade de fala [...] os falantes gravados podem ser considerados representativos da comunidade no momento da gravação [...]. Essa técnica nada diz sobre o comportamento linguístico do indivíduo, permite depreender a direcionalidade do sistema na comunidade linguística e verificar em que medida mudanças na configuração social de um grupo podem se refletir na propagação, na estabilização ou no recuo de processos de mudança. (PAIVA; DUARTE, 2003, p.17).

Dessa maneira, o ideal é a conjugação desses dois métodos, para refletir se, linguisticamente, quem muda é o falante, ao invés da comunidade, ou se a comunidade é que muda, ao invés do falante.

Nesta pesquisa, será realizado estudo em tempo real de curta duração do tipo tendência, com a comparação entre os dados do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) e os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). Esta comparação se dará por meio da análise das respostas para as perguntas 104 (Nuca) e 118 (Tornozelo), presentes no Questionário do Projeto ALiB (COMITÊ..., 2001) e da análise das Cartas 56 (Nuca) e 63 (Tornozelo) pertencentes ao APFB. Os resultados obtidos fornecerão pistas se as variantes investigadas se encontram em processo de variação estável ou mudança em progresso.

Materiais e métodos

Foram utilizadas as informações do banco de dados do Projeto ALiB e os registros de cartas linguísticas pertencentes ao APFB.

O Projeto ALiB tem por objetivo a construção de um atlas linguístico que descreva a tão diversificada língua portuguesa falada no Brasil. Como resultado parcial desta meta, publicou os dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al., 2014), que contemplam a descrição linguística de parte dos dados das capitais do país.

A constituição do banco de dados do ALiB, etapa já vencida pelo Projeto, foi realizada, entre os anos 2001 e 2013, por meio da aplicação de um questionário nas 250 localidades, espalhadas por todo o país, que compõem sua rede de pontos. O questionário é composto de 435 quesitos, distribuídos da seguinte forma: 159 perguntas do Questionário Fonético-Fonológico; 11 perguntas de Prosódia; 202 perguntas do Questionário Semântico-Lexical; 49 perguntas do Questionário Morfossintático; quatro perguntas de Pragmática; quatro Temas para Discursos Semidirigidos; seis Perguntas Metalinguísticas e um Texto para Leitura.

Para este estudo, são consideradas as respostas para duas perguntas da seção Corpo Humano do Questionário Semântico-Lexical – QSL. São elas: 104. Nuca e 118. Tornozelo. Essa escolha se justifica pelo fato de que, em análises prévias, essas duas partes do corpo revelaram produtiva variação lexical. A formulação das duas questões prevê que o entrevistador aponte para a área correspondente do próprio corpo e pergunte ao colaborador como ele chama determinada região.

As respostas foram investigadas a partir de entrevistas aplicadas em nove localidades do Projeto ALiB na Bahia. Embora, neste estado, o Projeto possua 22 pontos de inquérito, para esta pesquisa, são analisadas apenas as cidades comuns à rede de pontos do APFB. São elas: Jeremoabo (ponto 82), Barra (ponto 84), Jacobina (ponto 86), Itaberaba (ponto 90), Santana (ponto 92), Caetité (ponto 96), Carinhanha (ponto 97), Vitória da Conquista (ponto 98) e Santa Cruz Cabrália (ponto 101).

Controlando as variáveis sociais ou diastráticas (sexo, escolaridade, faixa etária) e utilizando-se, para tanto, do método da Geolinguística Pluridimensional – que consiste em seleção de colaboradores com perfis pré-estabelecidos em pontos de inquéritos pré-determinados, levando em conta tanto a diatopia quanto a diastratia –, o Projeto procedeu da seguinte forma quanto à estratificação dos colaboradores: em cada localidade do interior, foram inquiridos

quatro colaboradores e, nas capitais, foram inquiridos oito. Eles foram selecionados por critério de a) sexo – homens e mulheres; b) faixa etária – faixa etária I (18 a 30 anos) e faixa etária II (50 a 65 anos) e c) escolaridade – ensino fundamental incompleto e ensino universitário completo (o último apenas nas capitais dos estados).

Assim, como as nove localidades selecionadas para este estudo pertencem ao interior da Bahia, foram analisadas as quatro entrevistas de cada uma delas, abarcando um total de 36 entrevistas linguísticas.

O passo a passo metodológico para o tratamento dos dados constou de audição cuidadosa dos 36 inquéritos linguísticos, seleção das variantes lexicais nos inquéritos; transcrição; organização e agrupamento das variantes em planilha do Excel e cartografia dos dados.

A outra fonte de dados utilizada para a pesquisa foi o APFB, primeiro atlas linguístico regional do Brasil. Esta obra foi elaborada entre os anos de 1960 e 1962 e publicada em 1963, com autoria do professor Nelson Rossi.

O atlas utiliza o método da geolinguística monodimensional, por contemplar, em suas cartas linguísticas, apenas a variação diatópica. Apesar de o dialetólogo ter entrevistado colaboradores distribuídos entre ambos os sexos (57 mulheres e 43 homens) e com variação em relação à idade (entre 25 e 84 anos), o APFB é considerado monodimensional, porque não há registro nas cartas linguísticas de qual colaborador produziu cada resposta: se homem ou mulher; se idoso ou jovem. Também não houve o controle sistemático, quando da seleção dos colaboradores, das variáveis sociais. Observe-se, por exemplo, que o número de mulheres é superior ao número de homens. Com relação à escolaridade, todos eram analfabetos ou semianalfabetos.

O APFB contou com uma rede de pontos de 50 localidades da Bahia, nas quais foram aplicadas 182 perguntas (extraídas de uma versão de questionário mais ampla com 3.000 questões), divididas nas áreas semânticas terra, vegetais, homem e animais. Os resultados obtidos a partir da aplicação do questionário foram cartografados e resultaram em 11 cartas introdutórias e 198 cartas linguísticas. Dessas últimas, serão analisadas as cartas 56 – Nuca (cf. Anexo A) e 63 – Tornozele (cf. Anexo B), considerando apenas as respostas obtidas nos pontos de inquérito em comum com o *corpus* do Projeto ALiB. São eles: ponto 9 (Santa Cruz Cabralia), ponto 13 (Jeremoabo), ponto 24 (Vitória da Conquista), ponto 27 (Jacobina), ponto 29 (Itaberaba), ponto 35 (Caetité), ponto 42 (Barra), ponto 44 (Santana) e ponto 45 (Carinhanha).

A partir dessas duas cartas linguísticas do APFB, foram criadas duas outras cartas pela pesquisadora que destacam as respostas obtidas para as perguntas em nove localidades.

Resultados

Considerando tão somente as nove cidades equivalentes nos *corpora*, a análise dos dados do Projeto ALiB desvelou as seguintes formas para nomear a região posterior do pescoço: *cangote*, *nuca* e *nunca*; já nas cartas do APFB, no que tange as mesmas localidades, encontraram-se: *cabelouro*, *cangote*, *nunca* e *toutiço*. A região que une a perna ao pé foi denominada pelos colaboradores do Projeto ALiB de: *bodinho*, *calcanhar*, *canela*, *cotovelo*, *junta*, *licuri*, *mocotó*, *peador*, *tendão* e *tornozelo*. Os colaboradores do APFB trouxeram as formas: *cotovelo*, *junta*, *mocotó*, *peador* e *tornozelo*.

Para o tratamento dos dados, foram neutralizadas as variações fônicas, por se tratar de uma pesquisa lexical. Por exemplo, para o vocábulo *peador*, foi encontrada a forma *piador*. O alteamento neste vocábulo foi categórico na fala dos colaboradores pesquisados. Porém, para organização dos dados, considerou-se a forma dicionarizada *peador*. Houve alteamento também nas formas *cotovelo* e *tornozelo*, pronunciadas, variavelmente, como *cutuvelo* e *turnuzelo*. Pelo mesmo motivo, a apócope do -r, como em *calcanhá* e *piadô*, foi neutralizada; houve a simplificação de lexias complexas em lexias simples, como na resposta *junta do pé*, agrupada sob a forma *junta* etc. Um caso especial que merece ser destacado é a variação *nuca* ~ *nunca*. A princípio, foi considerada a hipótese do agrupamento da variante *nunca* sob a forma dicionarizada *nuca*. No entanto, observou-se que a forma *nunca*, tanto no APFB quanto nos dados do Projeto ALiB, figurou em localidades específicas e coincidentes quando comparados os *corpora*. Desse modo, optou-se por manter esse item, para destacar a variação diatópica.

Referente aos dados do Projeto ALiB, as formas *bodinho*, *canela*, *cotovelo*, *licuri* e *tendão* foram mencionadas cada uma por apenas um colaborador. Essas respostas não figuram na carta linguística que será adiante apresentada, por não serem as mais produtivas. Lembre-se de que duas características importantes da cartografia temática é a expressividade e a legibilidade. Ou seja, considerando o critério da expressividade, uma carta precisa apresentar os mais significativos aspectos do tema tratado (RIBEIRO; TELES, 2006). Este critério implica na legibilidade da carta linguística. O critério da legibilidade, por sua vez, permite que “uma informação procurada possa ser facilmente

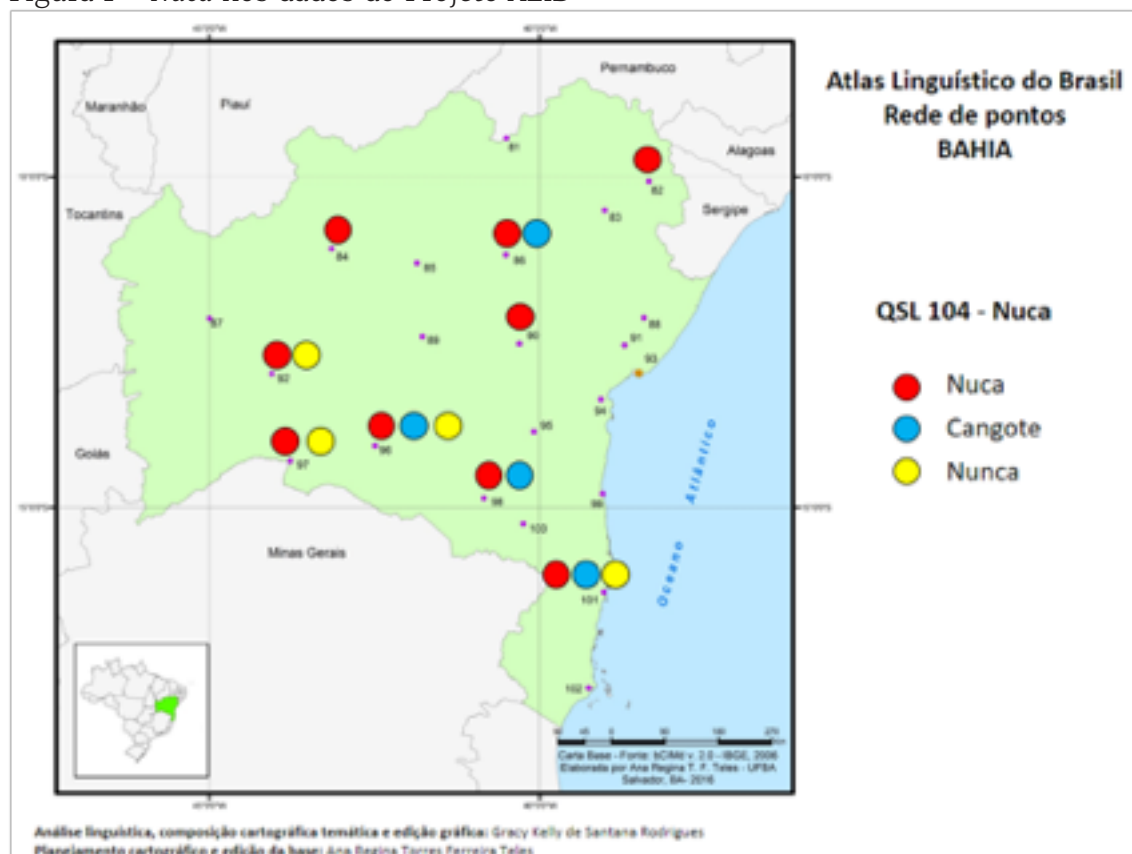
encontrada, diferenciada entre outras e memorizada sem esforço” (RIBEIRO; TELES, 2006, p. 218). Isto posto, visto que os dados são, geralmente, apresentados por símbolos e cores, não é possível representá-los com exaustão, já que o olho humano não será capaz de compreendê-los. Assim, optou-se por não representar as respostas que ocorreram apenas uma vez juntamente com as que foram mais produtivas, pois aumentaria a quantidade de cores a ser utilizadas, prejudicando o entendimento do leitor.

A seguir, apresentam-se os resultados por meio de cartas linguísticas que demonstram a distribuição espacial das variantes entre as cidades consideradas para a pesquisa.

Denominações para a parte posterior do pescoço

Consoante a Figura 1, que demonstra a distribuição diatópica das variantes nas nove localidades estudadas, a partir dos dados do Projeto ALiB, percebe-se que a forma *nuca* ocorre em todas as cidades, enquanto as formas *cangote* e *nunca*, que possuem o mesmo percentual de presença, ocorrem cada uma em apenas quatro localidades.

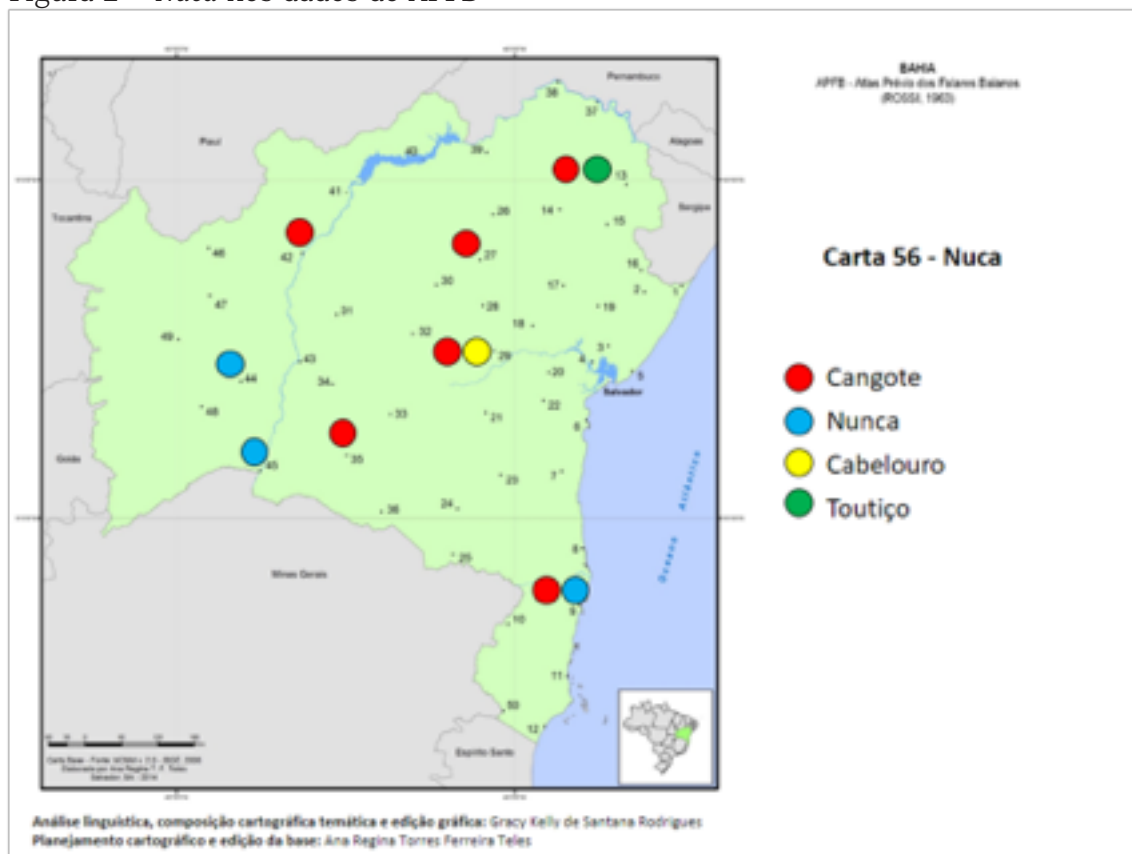
Figura 1 – *Nuca* nos dados do Projeto ALiB



Fonte: Elaborada pela autora

Observando o passado, através de carta linguística elaborada a partir do *corpus* do APFB, tem-se um cenário bastante diferente, conforme verifica-se na Figura 2.

Figura 2 – *Nuca* nos dados do APFB



Fonte: Elaborada pela autora

Comparando as cartas linguísticas, percebe-se que os dados atuais despontam *nuca* como resposta mais produzida pelos colaboradores das nove cidades do interior baiano. *Nuca* pode ser considerada uma variante padrão, entendendo variante padrão como aquela geralmente de prestígio, mais presente na escola e na mídia e comumente dicionarizada. É válido pensar que, com o maior acesso à mídia, à escola e a programas de saúde, nas últimas décadas, a forma *nuca* pode ter sido disseminada por essas localidades. Apesar de bastante produtiva nos dados do Projeto ALiB, tal forma não aparece nas localidades equivalentes do APFB; apenas sua variante *nunca* foi registrada no atlas. Ademais, é interessante observar que, dos quatro pontos de inquérito em que a variante *nunca* desponta, na carta linguística da Figura 1, três ainda conservam, atualmente, esta forma, conforme observa-se na Figura 2.

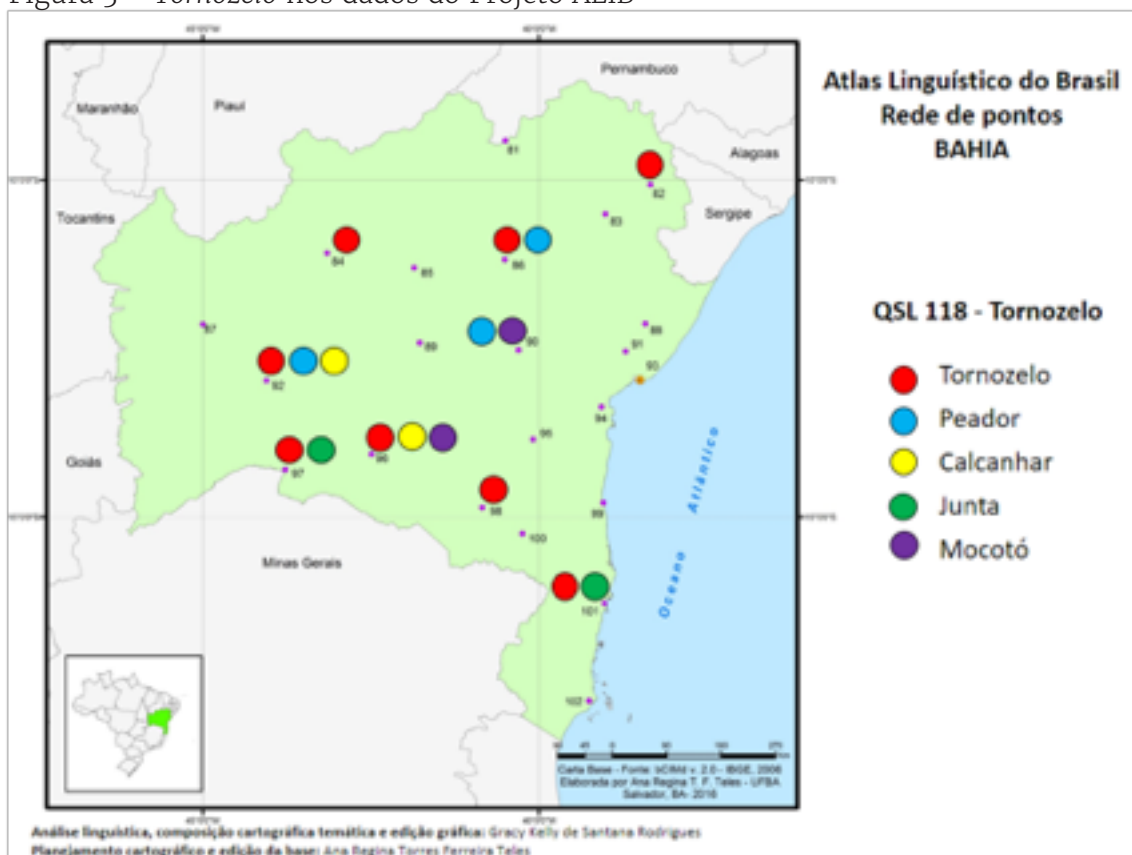
Nos dados colhidos pelo Projeto ALiB no início dos anos 2000, constatou-se que *cangote* ainda tem certa vitalidade. No entanto, *cangote* está mais presente nos dados do passado, já que, no APFB, dada forma apenas não é registrada em três localidades.

Cabelouro e *toutiço*, por seu turno, têm pouca vitalidade nas localidades pesquisadas do APFB e não figuram nos dados do Projeto ALiB, o que pode ser indicativo de que essas formas estão, atualmente, em desuso, quando usadas para denominar a parte posterior do pescoço.

Denominações para a região que une a perna ao pé

Concernente às denominações para a região que une a perna ao pé, o estudo das entrevistas linguísticas do Projeto ALiB mostrou, novamente, que a variante padrão é a mais disseminada entre as localidades, posto que a forma *tornozelo* esteve presente em oito das nove cidades analisadas. *Peador* foi a segunda forma mais presente, figurando em três localidades. E as lexias *calcanhar*, *junta* e *mocotó* aparecem cada uma em duas localidades (cf. Figura 3).

Figura 3 – *Tornozelo* nos dados do Projeto ALiB

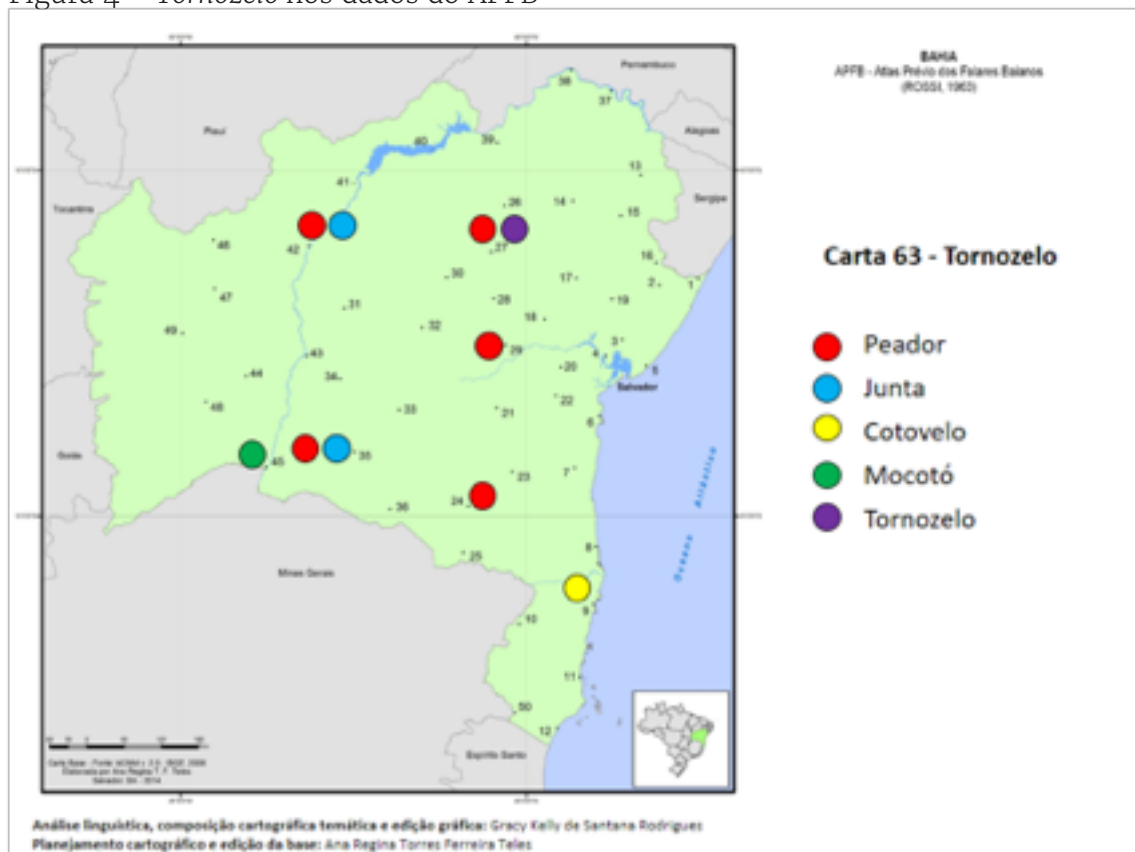


Fonte: Elaborada pela autora

Ressalta-se que as variantes *bodinho*, *canela*, *cotovelo*, *licuri* e *tendão* não foram contempladas, pois, se acrescentadas mais cinco cores à carta, possivelmente, a compreensão do leitor seria afetada. Além disso, estas variantes não foram produtivas, pois cada uma delas ocorreu apenas uma única vez.

A Figura 4, a seguir, traz a distribuição diatópica das lexias nas cidades, segundo os dados colhidos na década de 60 pelo APFB.

Figura 4 – *Tornozelo* nos dados do APFB



Fonte: Elaborada pela autora

Como se pode observar, *peador* é a forma mais disseminada entre as localidades. E *tornozelo*, a variante mais presente nos dados do Projeto ALiB, desponta em apenas uma localidade do APFB. *Mocotó* e *cotovelo* figuram em uma localidade e *junta*, em duas.

Destaca-se também a confusão entre denominações para os itens analisados e nomes geralmente utilizados para outras partes do corpo humano, como é o caso de *cotovelo*, presente em Santa Cruz Cabralia, ponto 9 do APFB, e também nos dados do Projeto ALiB, como resposta de um colaborador de Itaberaba, ponto 90. A lexia *calcanhar* também foi resposta para a parte do corpo que une a perna ao pé (cf. Figura 3).

Considerações finais

O estudo evidenciou a diversidade linguística da Bahia, desvelando formas utilizadas pelos baianos em dois tempos distintos, década de 60 (APFB) e anos 2000 (Projeto ALiB), para denominar duas regiões do corpo. Para nomear a parte posterior do pescoço, encontraram-se as lexias *cabelouro*, *cangote*, *nuca*, *nunca* e *toutiço*. Para se referir a região do corpo que une a perna ao pé, *bodinho*, *calcanhar*, *canela*, *cotovelo*, *junta*, *licuri*, *mocotó*, *peador*, *tendão* e *tornozelo* foram as variantes utilizadas.

Observou-se também que as formas padrão são as mais disseminadas no que tange às entrevistas linguísticas do Projeto ALiB, visto que *nuca* e *tornozelo* foram as variantes mais presentes nas localidades. Ao contrário, *cangote* e *peador* aparecem como as principais lexias nas cidades estudadas por meio das cartas linguísticas do APFB. Mesmo que de modo menos produtivo, as variantes *cangote* e *peador* ainda aparecem nos dados do Projeto ALiB; ao contrário de *toutiço* e *cabelouro*, que não estão presentes em nenhuma das nove localidades do Projeto.

A menor produtividade de variantes assim como a não presença de outras, quando comparados *corpora* de tempos distintos, podem ser condições indicativas de mudança em progresso. Em relação aos dados aqui considerados, esse fato pode ser justificado por conta da implantação de programas de saúde do governo, do maior contato com a mídia e do aumento dos níveis de escolarização, nos últimos anos, nessas regiões. Esses podem ter sido fatores sócio-históricos relevantes no processo de mudança linguística, pois o maior contato com médicos e profissionais da saúde, assim como com as variantes padrão veiculadas pela grande mídia e pela escola, contribui para a aquisição de novas formas para denominar as partes do corpo.

Outro fator histórico que parece influenciar a escolha lexical do falante é seu contato com a vida rural, especificamente no trato com animais. As variantes *cabelouro*, *cangote*, *mocotó* e *peador* são originalmente designações relacionadas aos animais. *Cabelouro*, de acordo com o Dicionário Aulete Digital, é o “tendão ou ligamento que se encontra entre a cabeça e a extremidade das vértebras do boi”; *cangote*, segundo o Dicionário Unesp do Português Contemporâneo, é a “protuberância na parte superior do pescoço do touro”; *mocotó* é a “pata de boi, sem o casco” e *peador* é o “lugar onde as cavalgadas ficam peadas”, de acordo com o Dicionário Aulete Digital.

Desse modo, o contato com as atividades rurais relacionadas aos animais pode interferir na forma como os colaboradores se referem as suas partes do corpo, visto que *cabelouro*, *cangote*, *mocotó* e *peador* são nomes para partes do corpo de animais utilizados pelo homem para denominar as regiões equivalentes em seu próprio corpo.

Não obstante os resultados darem pistas de uma mudança em progresso para a denominação dessas duas partes do corpo na Bahia, a pesquisa desenvolvida aqui ainda é preliminar. Sendo assim, uma discussão mais produtiva será oportunizada quando da ampliação de localidades e de perguntas relacionadas ao campo lexical do corpo humano. Além disso, complementarmente, entende-se que, para a descrição da Bahia, um estudo mais amplo que envolva outros campos lexicais, assim como outros níveis de análise da língua, será revelador da realidade linguística do estado.

Referências

BORBA, Francisco (Org.). **Dicionário Unesp do Português Contemporâneo**. São Paulo: Unesp, 2004.

CARDOSO, Suzana Alice et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. v. 1. (Introdução). Londrina: EDUEL, 2014a.

_____. **Atlas Linguístico do Brasil**. v. 2. (Cartas Linguísticas). Londrina: EDUEL, 2014b.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**: questionário 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001.

COSERIU, Eugeniu. **O homem e a sua linguagem**. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

_____. **Sincronia, diacronia e história**: o problema da mudança linguística. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

DICIONÁRIO CALDAS AULETE. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 02 ago. 2018.

ISQUERDO, Aparecida. Nomes do beija-flor e do João-de-barro nas capitais do Brasil: o linguístico e o cultural no processo denominativo. In: AGUILERA, Vanderci; DOIRON, Maranúbia (Org.). **Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus**: uma homenagem a Michel Contini. Cascavel, PR: EDUNIOESTE; Londrina: EDUEL, 2016.

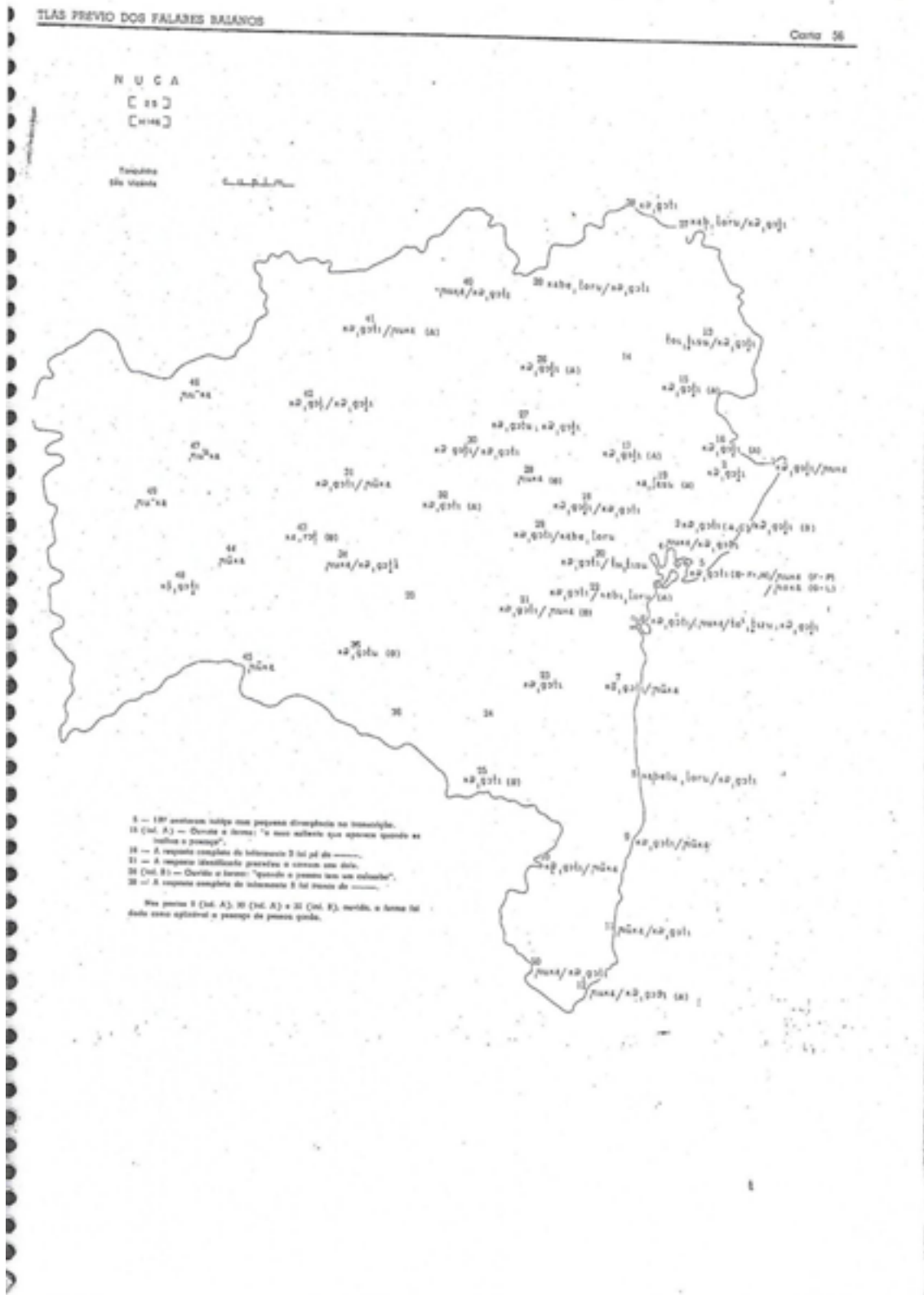
PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia. Introdução: mudança linguística em curso. In: _____. (Org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

RIBEIRO, Silvana; TELES, Ana Regina. Apresentando a cartografia aos linguistas: o Projeto ALiB. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade (Org.). **Documentos 2:** Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 207-226.

ROSSI, Nelson. **Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolingüística. São Paulo: Ática, 1985.

Anexo A – Carta 56 (Nuca) do APFB



Anexo B – Carta 63 (Tornozele) do APFB

